

O RISO É MINHA PROFISSÃO

Heinrich Böll

DER LACHER, 1952

Quando sou questionado sobre a minha profissão, fico embaraçado: corro, gaguejo... eu, que me considero uma pessoa segura. Invejo as pessoas que podem dizer: eu sou pedreiro. Cabeleireiros, contabilistas, escritores: invejo a simplicidade das suas respostas, pois todas estas profissões se definem por si próprias e dispensam qualquer esclarecimento. Mas eu fico perturbado por ter de responder a essa pergunta: rir é a minha profissão. Uma resposta destas implica outra: “E vive disso?”, à qual eu devo responder, em favor da verdade “Sim”. Eu vivo o dia-a-dia à custa do meu riso, pois o meu riso é – comercialmente falando – procurado. Desempenho a minha função com qualidade e experiência e ninguém se ri como eu, ninguém domina assim as nuances da minha arte.

Durante muito tempo – para me escapar a esclarecimentos aborrecidos – qualificava-me de actor. Contudo, as minhas capacidades mímicas e oratórias são tão diminutas que esta designação não me parecia estar de acordo com a verdade. E eu aprecio a verdade e a verdade é que rir é a minha profissão. Eu nem sou palhaço nem cómico, não faço rir as pessoas, mas interpreto os seus risos. Consigo rir como um imperador romano ou como um estudante sensível. O riso do séc. XVIII é para mim tão fácil como o do séc. XIX e, quando é preciso, o meu riso é o de todos os séculos, todas as sociedades e todos os tempos. Aprendi-o tão facilmente como se aprende a pôr solas em sapatos. O riso americano está no meu coração, o riso africano, o riso branco, vermelho, amarelo e, mediante o honorário respectivo, deixo-o soar consoante a direcção artística.

com delicadeza. Rio de forma melancólica, moderada, histérica; rio como um Tornei-me indispensável: rio em discos, rio em músicas e os directores de peças radiofónicas tratam-me condutor de eléctrico ou como um aprendiz do ramo alimentar; o riso da manhã, o riso da tarde, o riso nocturno e o riso do crepúsculo, enfim, independentemente de onde ou de quando é o riso, eu consigo reproduzi-lo.

Podem acreditar que uma profissão assim é cansativa, sobretudo porque – é esta a minha especialidade – sou perito no riso contagiante. Por isso me

tornei também imprescindível nos terceiros ou quartos balcões das comédias, que vibram, com legitimidade, com as suas piadas. Assim, sento-me quase todas as noites algures no teatro de variedades como um “Art Claquer” subtil, para rir de forma contagiante nos momentos mais monótonos da peça. Este deve ser um “trabalho feito à medida”: o meu riso efusivo, espontâneo não deve aparecer nem demasiado cedo nem demasiado tarde, deve surgir no momento certo e ser adequado ao programa para que o auditório vibre e a piada seja preservada. Depois, esquivo-me, extenuado, até ao guarda-roupa, visto o meu casaco, mas estou contente porque finalmente acabei o expediente.

Em casa, esperam-me vários telegramas: “Precisamos urgentemente do seu riso. Actuação: Terça-feira”. Passadas poucas horas, estou sentado num comboio rápido e sobreaquecido e lamento o meu destino.

Percebe-se com facilidade que eu nutro pouca simpatia pelo riso depois do expediente e nas férias.

O ordenhador fica contente quando deixa a vaca; o pedreiro fica feliz quando pode esquecer a argamassa e o carpinteiro tem em casa muitas portas que não funcionam ou gavetas que só com esforço se conseguem abrir. O pasteleiro gosta de pepinos em conserva, o talhante gosta de maçapão e o padeiro come a salsicha sem pão; o toureiro gosta de lidar com pombos, o pugilista fica pálido quando o seu filho tem uma hemorragia nasal – eu compreendo tudo isto, pois nunca rio fora do expediente. Eu sou uma pessoa soturna e as outras pessoas tomam-me – e talvez com razão – por um pessimista.

Nos primeiros anos do nosso casamento, a minha mulher dizia-me frequentemente: “Ri-te um pouco!”, mas entretanto tornou-se claro que eu não poderia satisfazer este pedido. Eu fico feliz quando posso descontraír os meus cansados músculos faciais e o meu fatigado ânimo através de uma profunda seriedade. Sim, o riso dos outros faz-me ficar nervoso porque me recorda a minha profissão. Nós mantemos um casamento tranquilo, agradável porque a minha mulher desaprendeu de rir: volta e meia, surpreendo-a com um sorriso e sorrio-lhe também. Falamos um com o outro em voz baixa, pois eu odeio o barulho do teatro de variedades, odeio o barulho que reina nas representações.

As pessoas que não me conhecem consideram-me uma pessoa reservada. Talvez o seja, porque tenho de abrir a boca demasiadas vezes para rir. Vivo a minha vida com uma expressão imperturbável e, de vez em quando, permito-me um ténue sorriso e penso muitas vezes se realmente cheguei a sorrir. Creio que não.

A minha irmã conta que eu sempre fui um rapaz sério.

Embora me ria de diversas maneiras, o meu próprio riso não o conheço.

Trad. de Maria Inês de Sousa Rodrigues e Maria Gabriela Mesquita¹

¹ Alunas do Curso Bietápico em Línguas e Secretariado – Ramo de Tradução Especializada.